

SALVATORE MARTINEZ



# GUIADOS PELO ESPÍRITO

---

UM NOVO CAMINHO PARA  
A RENOVAÇÃO DA NOSSA FÉ

---

«Renovemos cada dia a confiança na ação do Espírito Santo, a confiança de que Ele age em nós, está dentro de nós e nos dá o fervor apostólico, a paz e a alegria. Deixemo-nos guiar por Ele.»

**PAPA FRANCISCO**

nascente

# Índice

<i>Prefácio</i> .....	7
<b>Junto às Nascentes do Cenáculo</b> .....	9
<b>I. Pentecostes</b> .....	15
E é Pentecostes .....	17
Depois do Pentecostes .....	19
A cultura do Pentecostes .....	21
<b>II. Reunidos</b> .....	25
Estar juntos .....	27
Quem é o discípulo? .....	28
Um suplemento de amor .....	34
Maria, esposa do Espírito .....	36
Maria: missão cumprida! .....	38
<b>III. No Mesmo Lugar</b> .....	41
No Cenáculo .....	43
Um Cenáculo a preparar com cuidado .....	47
<b>IV. Do Céu... sobre cada Um</b> .....	51
Aquela antecipação do céu .....	53
Renascer do alto .....	58
A todos e a cada um .....	63
<b>V. Do Espírito Santo</b> .....	67
Para uma conversão espiritual .....	69

Caminhemos ao ritmo do Espírito .....	71
Recomeçar a partir do Espírito .....	80
<b>VI. O Poder de se Expressar</b> .....	83
No poder do Espírito .....	85
O Espírito impele-nos a movermo-nos .....	88
Florescendo a partir do Cenáculo .....	93
<b>VII. Cada Um os Ouvia Falar</b>	
<b>Cada Um os Ouve Falar</b> .....	97
Falar com a Sua Palavra .....	99
A Palavra não está acorrentada .....	103
As dez palavras de amor .....	112
<b>VIII. Língua</b> .....	117
As línguas do Espírito .....	119
Língua de amor .....	120
Línguas de fogo .....	123
<b>IX. Ouvimo-los Anunciar</b> .....	127
Povo entre os povos .....	129
Homens novos .....	130
Mediadores entre o Céu e a terra .....	132
Povo de Deus, povo de irmãos .....	136
<b>X. As Grandes Obras de Deus</b> .....	141
Evangelização .....	143
Como nasce a nova evangelização .....	146
O que torna nova a evangelização .....	149
Como se realiza a nova evangelização .....	152
Para que seja e continue a ser uma nova evangelização .....	157
<b>Para Uma Verdadeira Revolução Espiritual</b> .....	161
<b>Apêndice: O Teste do Amor de Jesus</b> .....	169
<i>Posfácio</i> .....	189

## PREFÁCIO

**A** 2 de fevereiro de 1963, poucos meses antes de partir da Terra para o Céu, São João XXIII disse: «Os grandes povos da Ásia Central e do Extremo Oriente, cujas luzes de civilização conservam indubitáveis traços da primitiva revelação divina, serão chamados um dia pela Providência — sinto-o pela voz arcana do Espírito — a deixar-se penetrar pela luz do Evangelho, que brilhou na orla costeira da Galileia, abrindo o livro da nova história, não de um povo ou de um grupo de nações, mas do Mundo inteiro.» É esta a linguagem corajosa de um homem de fé, de um homem aberto ao sopro do Espírito Santo, de um homem que estabelecera o seu domicílio no Cenáculo.

A 22 de outubro de 1978, poucos dias depois da eleição para o sumo-pontificado, São João Paulo II, com voz firme e convicta, disse: «Não tendes medo! Abri, ou antes, escancarai as portas a Cristo! Abri ao seu poder salvífico os confins dos Estados, os sistemas económicos e políticos, os vastos campos da cultura, da civilização e do desenvolvimento. Não tendes medo! Cristo sabe o que há dentro do homem. Só Ele o sabe!»

E o Papa Francisco escreveu, na sua *Evangelii gaudium*: «A Ressurreição de Cristo não é uma coisa do passado; contém uma força de vida que penetrou o mundo. Onde parece que tudo está morto, de toda a parte voltam a aparecer os germes da Ressurreição. É uma força inigualável» (n.º 276).

*Como é maravilhoso este otimismo, como é penetrante este olhar que vê despontar desde já a primavera em pleno frio do inverno!*

*Salvatore Martinez, com esta nova obra, pretende conduzir-nos ao Cenáculo, para nos fazer reviver a centelha do Pentecostes: são páginas belas, límpidas, por vezes ardentes. Vale a pena meditar sobre elas para reencontrar a alegria e a ousadia de sermos missionários hoje.*

CARDEAL ÂNGELO COMASTRI  
Vigário-Geral de Sua Santidade  
para a Cidade do Vaticano

JUNTO ÀS NASCENTES  
DO CENÁCULO

**D**esde o seu nascimento, a Igreja tem cultivado e promovido a «espiritualidade do Cenáculo». «Recomeçar a partir do Cenáculo» significa redescobrir, à luz do Espírito, o coração da nossa fé, voltar a sentir, vivas, as razões «pascuais e pentecostais» suscitadas em nós pelo Espírito Santo.

Existe uma ligação indissolúvel entre as duas festas da Páscoa e do Pentecostes. O tempo que decorre entre ambas, os «cinquenta dias» (Atos 2,1) a que se referem as Escrituras, não é um tempo acessório na vida da Igreja.

Não existe verdadeira Páscoa sem o seu cumprimento no Pentecostes!

A Páscoa é a revelação plena e definitiva do mistério de Cristo (como obtivemos a salvação). O Pentecostes é a revelação plena e definitiva do mistério do Espírito (como recebemos e transmitimos aos outros a experiência de Jesus, que nos salva).

São dois momentos que têm a sua preparação e a sua antecipação num mesmo lugar. Um lugar privado, a sala de uma casa: o *Cenáculo de Jerusalém*. Por espetadores, um número exíguo de discípulos privilegiados.

São dois os momentos preparatórios de outros tantos acontecimentos que se seguiram (ressurreição de Jesus e efusão

do Espírito Santo sobre a multidão reunida na praça); são eles: *a Eucaristia e a descida do Espírito*, sobre os apóstolos e sobre Maria, como línguas de fogo.

Naquele Cenáculo, com a instituição da Eucaristia, a Igreja é *sacramentalmente constituída*; nele, com as línguas de fogo do Pentecostes, a Igreja é *carismaticamente enviada* a todos os povos.

A Igreja é, e sempre será, simultaneamente pascal e pentecostal, sacramental e carismática. Um grupo, uma comunidade, em que não haja essa tensão contínua entre ação sacramental e carismática, esses dois perfis que São João Paulo II gostava de definir como «coessenciais para a constituição dogmática da Igreja» (Discurso aos Movimentos na Vigília de Pentecostes, 30 de maio de 1998), não é ainda, nem nunca será, a verdadeira obra de renovação sonhada por Jesus e por Ele realizada mediante a Sua morte, ressurreição e efusão do Espírito.

*Recomeçemos a partir do Cenáculo!* Quantas vezes repetimos esta expressão, mas depois parece que ela se detém no limiar da porta daquela «sala de cima» (Lc 22,12).

Devemos entrar no Cenáculo, estar lá dentro, no coração do mistério! Devemos deixar-nos introduzir pelo Espírito no segredo, sempre revelado pela graça e por correspondências entre a Páscoa e o Pentecostes.

Porque é que muitos não sentem o desejo de evangelizar? Porque não saboreiam a beleza do corpo de Cristo, que é comunhão eucarística, inundação de amor, intimidade profunda com o coração amoroso de Deus. Um coração cristão que não seja eucarístico nunca será pentecostal. Um cristão que não viva a comunhão com Deus e com os irmãos de caminho (Eucaristia) nunca será capaz de procurar a comunhão com o próximo e com quem não crê (evangelização).

Um coração que não sabe dilatar-se, ou seja, fazer-se católico, nunca poderá transformar-se no coração da Igreja no mundo.



O Papa Francisco evoca continuamente a «Igreja de saída», uma Igreja talvez «acidentada» por caminhar no meio dos homens, mas não «doente» por ficar «comodamente instalada», dobrada sobre si própria, sobre o muito ou o pouco de que dispõe, saciada pelos seus «clientes»: os fiéis já fidelizados.

O Papa tem vindo a propor ao mundo uma verdadeira renovação espiritual, uma «cruzada de amor» que os crentes e não crentes parecem olhar com grande assombro e gratidão.

Um sinal eloquente é, sem dúvida, a Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, que o próprio Papa Francisco não hesita em definir como um «documento programático» para a Igreja (25).

Para consciencializar tal revolução, devemos *recomeçar a partir do Cenáculo*, revivendo o espírito do Pentecostes, sentindo vivas as suas razões, a sua atualidade, a sua força expressiva e de mudança.

Uma «forma» concreta e eficaz é recuperar com abertura de mente e de coração a própria passagem dos Atos dos Apóstolos que descreve «aquele dia» bendito em que a fé em Jesus conheceu a sua primeira «globalização», ou seja, a sua índole «católica», universal, interétnica e intercultural.

Quisemos destacar as *palavras-chave* deste relato bíblico: serão a base temática sobre a qual se desenvolverão as reflexões que compõem este texto que agora publicamos. «Expressões» que não se referem apenas a «ontem», mas também e sobretudo a «hoje» — o cristão nunca é um homem ultrapassado —, e que nos ajudam a dar forma àquela «cultura do Pentecostes sem a qual não será possível a civilização do amor nem a convivência pacífica entre os povos» (São João Paulo II, *Renovação no Espírito*, 14 de março de 2002).

Através destas «páginas de Pentecostes», portanto, guiados pelo Espírito, recomeçamos a partir do Cenáculo.

S. M.

## Atos dos Apóstolos 2,1-11

Quando chegou o dia do Pentecostes,  
encontravam-se todos **reunidos no mesmo lugar**.

De repente, ressoou, **vindo do céu**, um som  
comparável ao de forte rajada de vento,  
que encheu toda a casa onde eles se encontravam.

Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo,  
que se iam dividindo, e poisou uma **sobre cada um** deles.

Todos ficaram cheios **do Espírito Santo**  
e começaram a falar outras línguas,  
conforme o Espírito **lhes inspirava que se exprimissem**.

Ora, residiam em Jerusalém judeus piedosos  
provenientes de todas as nações que há debaixo do céu.

Ao ouvir aquele ruído, a multidão reuniu-se  
e ficou estupefacta,  
pois **cada um os ouvia falar** na sua própria língua.

Atónitos e maravilhados, diziam:

«Mas esses que estão a falar não são todos galileus?  
Que se passa, então, para que **cada um** de nós os oiça falar  
**na nossa língua** materna?»

Partos, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia,  
da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia,

da Frígia e da Panfília, do Egito  
e das regiões da Líbia cirenaica,

colonos de Roma, judeus e prosélitos, cretenses e árabes,  
**ouvimo-los anunciar**, nas nossas línguas,  
**as maravilhas de Deus!**»

I

Pentecostes

## E é Pentecostes

Com a cruz, a humanidade não é traída.  
Jesus não fracassou.  
A última palavra não é *morte*, mas *ressurreição*!

«As mulheres dirigiram-se ao sepulcro, mas, ao entrar, não encontraram o corpo do Senhor Jesus» (Lc 24,1–3). Desapareceu? Terá sido roubado? Ter-se-á volatilizado? Ou a nossa fé explode de alegria, de assombro, de louvor, de inebriamento interior, ou não é uma verdadeira fé pascal! Não faz justiça a Cristo ressuscitado nem ao poder do Espírito Santo que, em cada dia, em resposta a cada uma das nossas invocações, nos oferece um Jesus vivo.

Entremos no regime glorioso da Páscoa, regressando ao Cenáculo! É a luz do Ressuscitado que ilumina a história, a embeleza e a impede de envelhecer. É a alegria do Ressuscitado que transfigura o rosto dos humildes, dos pobres, dos últimos. O destino do mundo foi invertido, revolido desde as suas profundezas: a partir de agora existirá apenas um «antes» e um «depois» de Cristo.

«Vi o Senhor!» (Jo 20,18): é o primeiro e grande anúncio da Páscoa de Jesus dirigido por Maria de Magdala aos apóstolos, no Cenáculo.

Não está morto! Não se deixa comemorar, comiserar, chorar, como se faz com os comuns mortais da terra. Para Maria de Magdala, porém, o privilégio dura pouco: «Vai anunciá-lo aos meus irmãos» (Jo 20,17a), é a ordem de Jesus Ressuscitado. É-o também para nós: Páscoa é partilha, fraternidade, acolhimento. Como a nossa fé, que gera sempre um corpo: a Igreja.

Maria de Magdala corre. Ainda mais corre o seu coração, que já não lhe cabe no peito. Tem um único desejo: chegar junto dos apóstolos, no Cenáculo, para lhes contar aquilo que viu e transmitir a mensagem que lhe foi dada por Jesus: «Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus» (Jo 20,17b). Jesus desceu do Céu, e agora ao Céu terá de subir. Mas ainda não é tudo! Primeiro há um último ato de amor a realizar. Para que a Sua glória seja não só «para» cada homem, mas para que esteja «dentro» do coração de cada filho «adquirido» para o Pai, Jesus deve cumprir a última e «celeste» promessa divina: a entrada da Pessoa do Espírito Santo no porvir do homem e da Igreja.

Com a descida do Espírito Santo, a vida divina, potência da ressurreição, é comunicada a cada crente. Apaixonadamente amados; perfeita e definitivamente salvos. Conquistados, aperfeiçoados, conformados com Jesus: entra em cena o Espírito Santo!

«“Tudo está consumado”. E, inclinando a cabeça, entregou o Espírito» (Jo 19,30).

Jesus oferece «em penhor» à crueldade dos carrascos a sua humanidade, para que o homem receba «como prêmio» a Sua divindade: e é Páscoa!

Jesus oferece «como selo» de todas as Suas promessas o Espírito Santo, para que o homem receba «como dom» a própria potência divina de Cristo, «a unção» (1 Jo 2,27) manifestada por Jesus no Seu ministério: e é Pentecostes!

## Depois do Pentecostes

Depois do Pentecostes, o fogo do Espírito foi derramado no coração dos apóstolos, e eles começaram a falar incansável e alegremente de Jesus. Os sacerdotes, os chefes do templo e os saduceus, porém, ficaram irritados com o facto de os apóstolos ensinarem uma nova doutrina cujo núcleo era a «ressurreição dos mortos». Os apóstolos, então, foram detidos, levados para a prisão e, no dia seguinte, interrogados. Entretanto, muitos daqueles que os tinham escutado aderiram à fé: a palavra pregada tinha deixado a sua «marca» e tomara como «penhor» (a prisão) a vida dos dois apóstolos.

«Com que poder fazeis isso?» (Atos 4,7).

Esta é a pergunta mais inquietante feita pelo Sinédrio. Os apóstolos, antes do Pentecostes, pareciam incapazes de atos audazes, pois estavam subjugados pelo medo. Pedro, agora cheio do Espírito Santo, livre de todo o respeito humano, argumenta com os seus acusadores (Atos 4,8–10) e — sem tergiversar — afirma que o poder sobre o qual os Sumos-Sacerdotes o interrogavam lhes fora dado pelo nome de Jesus.

O que impressiona neste relato bíblico é que os acusadores, tendo ouvido o discurso de Pedro, não foram levados a refletir sobre a figura do Nazareno, mas a considerar os apóstolos, a sua insólita sabedoria e a grande franqueza e liberdade interior que manifestavam. Observemos Pedro: não começou por falar de Jesus ou do seu método de evangelização; pelo contrário, manifestou a sua convicção profunda, aquele maravilhoso «mundo interior» de que finalmente era capaz, aquele poder sobrenatural que lhe fora conferido por Jesus — o Espírito Santo — e que agora atuava visivelmente em Pedro.

Todos «ficaram estupefactos» (Atos 4,13). Um adjetivo, este, que exprime a surpresa frente às maravilhas que o nome de Jesus,

proclamado, sempre deve gerar em quem escuta. O mundo, no seu ruído ensurdecador, não se deve calar frente às palavras do homem, mas frente a Jesus, o Verbo, a Palavra última, definitiva, resolutiva. «Sempre que o Espírito intervém, deixa as pessoas deslumbradas, pois suscita novidade, deslumbramento, mudança radical nas pessoas e na história», dizia São João Paulo II (Discurso aos Movimentos na Vigília de Pentecostes, 30 de maio de 1998).

«Mandaram-nos sair depois de os terem ameaçado» (Atos 4,21). Jesus tinha preparado os apóstolos para a perseguição (Jo 15,20), embora lhes garantindo que realizariam obras ainda maiores do que as Suas (Jo 14,12). A evangelização não se baseia no «consenso», mas na «perfeição do Evangelho», que exige sempre purificação, mortificação e incompreensão.

«Desafiaram-nos então a falar» (Atos 4,18). Os perseguidores dos apóstolos queriam-nos mudos, como tantos cristãos, nossos contemporâneos frente às oposições do mundo. Pedro e João replicaram (Atos 4,19–20), mas eis que a sua resposta — apesar de irrepreensível e cheia de fé — se revelou privada de poder, pois tentaram, até certo ponto, parlamentar, quase chegar a acordo, em vez de permitirem que o Espírito manifestasse Jesus, através deles, como acontecera anteriormente.

Os apóstolos aperceberam-se imediatamente desse «défice» e, mal foram postos em liberdade e se reuniram aos outros apóstolos, elevaram a voz a Deus numa poderosa oração de intercessão (Atos 4,24ss): pediram para serem reintegrados no regime do Espírito e voltarem a encher-se de franqueza (*parrésia*) e de poder. E eis que deles brota a profecia, como selo do Espírito: os apóstolos reencontram uma nova audácia e, com ela, os sinais que acompanham o testemunho da fé.

Aconteceu então que «o lugar onde estavam reunidos estremeceu» (Atos 4,31).

Deveria estremecer sempre o nosso coração, sinal de que se encontram em nós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus.

## A cultura do Pentecostes

O Pentecostes não pertence a ontem; a fé é o hoje de Deus. Nós somos os homens do hoje de Deus e não queremos retroceder, porque cada retrocesso é um «défice» de amor. O vento do Espírito deve soprar mais forte porque o mundo carece de verdade, sente falta de Cristo. O mistério do Pentecostes e a sua atualidade não são um tempo circunscrito a uma festa. Pentecostes é sempre o espaço infinito do desejo e da espera.

Por vezes temos um sentido de plenitude, de saciedade na nossa vida de fé; no entanto, o Senhor quer fazer mais em nós. Quando o nosso desejo é apanhado pelo Espírito, estende-se até ao céu infinito de Deus.

Os apóstolos reunidos no Cenáculo desejariam abreviar o tempo de espera da descida do Espírito Santo. Jesus não lhes dará indicações temporais precisas: Pentecostes, o eterno amor de Deus, não se pode encaixar num tempo. Jesus recomendará aos apóstolos que permaneçam no desejo, vigilantes na oração e na espera (Atos 1,6–8).

Por isso é que Jesus nos convida «a rezar sem vãs repetições» (Mt 6,7), e São Paulo recomendará que se «reze sem interrupção» (1 Ts 5,17; Ef 6,18).

No Pentecostes, a língua dos homens passa a ser a língua do Espírito.

A linguagem imperfeita de que a natureza humana é capaz é potenciada mediante a infusão da sabedoria divina no coração dos homens. A linguagem da fé faz-se atos dos apóstolos e não já



ideias cheias de boas intenções. Triunfa o primado da graça sobre cada limitação humana, racionalista ou científica.

Infelizmente, assistimos muitas vezes a uma normalização do alcance profético dos matizes carismáticos que a verdadeira fé exige. Autenticidade estabelecida, não por convenções humanas, mas pelo próprio Jesus. Recorda-nos Ele: «Se tiverdes fé, deslocareis os montes» (Mt 21,21).

A audácia na fé é o que determina a diferença. Não há outras condições para obter bons resultados, mesmo frente aos obstáculos mais impensáveis. Por isso, as testemunhas de Jesus ressuscitado são sempre «iniciadas» pela fé carismática: a Sua vida anuncia a superação de cada uma das barreiras que, quais montes inultrapassáveis, se erguem diante de nós. Uma fé invadida pelo Espírito Santo supera todos os montes erigidos pelo orgulho e pelo individualismo humano.

Quem crê torna-se capaz, pelo Espírito, de vencer as barreiras políticas dos sistemas hostis à religião e desumanos; de vencer as barreiras sociais de cada classismo que fragmenta e empobrece o homem; de vencer as barreiras culturais dos estilos de vida derivados de um pensamento débil, que desnatura e barbariza o homem.

A testemunha de Jesus ressuscitado serve a história, reconduzindo para o Evangelho, ou seja, para a verdade de Deus. Vive do dinamismo do Espírito e é levada a despertar as consciências adormecidas, preguiçosas, voltadas para o exterior, habituadas a confundir o mal com o bem e o bem com o mal.

As raízes da Igreja estão no Pentecostes.

Cada discurso sobre as realidades históricas da Igreja deve começar pelo Pentecostes.

Um grande sinal de esperança vai-se destacando cada vez mais com o advento do Papa Francisco: uma imagem da Igreja

renovada pelo Espírito, uma humanidade nova e disponível para entrar na história deste mundo como «vanguarda de esperança». Não a imagem de uma Igreja «provável», «ideal», mas um perfil de Igreja «possível», feita de homens e mulheres de coração que se deixaram amar por Deus e que se descobrem capazes de amor em cada dia; jovens e anciãos que decidiram vencer a tibieza da fé própria de muitos batizados e que se esforçam, com alegria, por se professarem «festivamente» cristãos; comunidades conscientes de que vivem na Igreja e pela Igreja, abertas ao mundo com renovada capacidade missionária.

Na Igreja, é necessário que se renove sempre o prodígio do Pentecostes.

Pentecostes, acima de tudo, é manifestação de amor.

Pentecostes é uma graça de reconciliação e de unidade na única linguagem possível, a linguagem do amor e da caridade fraterna.

Que o Pentecostes seja um hino de ação de graças ao Espírito Santo para todas as testemunhas de Cristo, enamoradas d'Ele, que o próprio Espírito quis chamar a tantas comunidades e movimentos espalhados por todas as nações e Igrejas particulares da terra.

Que o Pentecostes seja um tempo profético de contributo eficaz para a nova evangelização.

O Pentecostes realiza-se em homens e mulheres disponíveis para se tornarem «cultores do Espírito Santo», ou seja, capazes de cultivar a efusão do Espírito Santo para realizar uma nova «cultura espiritual» entre os homens: a cultura do Pentecostes.

«Cultura do Pentecostes» não é uma expressão que diga respeito a intelectuais ou a especialistas. Fala, antes, da nossa própria vida, daquilo que a anima, que a torna verdadeira, vivível, aceitável, partilhável. Uma vida que deseja irradiar amor, que

recoloca no centro da história a «carne viva» de Cristo naqueles que O amam; que repropõe a «sabedoria dos pequenos» como termo de juízo da história. É este, no fundo, o passo missionário de Francisco.

O conceito de *civilização* exprime um particular sistema de vida, de relações sociais, inter-humanas, associadas ao bem comum. Para que se realize, é necessária uma maneira de pensar, de se colocar diante da história, de educar, de se sacrificar, de narrar e de conhecer a Deus. Um Deus «para o homem», e não construído «pelo homem para si», como insígnia do relativismo que impera no nosso tempo.

É palpável, neste nosso tempo, um vazio de ideias fortes. Há um mundo semeado de mentiras; os homens sentem-se cada vez mais atraídos por propostas de salvação fundadas, não sobre o Evangelho, mas sobre ditames económicos, sociológicos e psicológicos. É um mundo que nos desafia, que nos provoca para o amor.

Já é tempo de abrir, de escancarar as portas ao Espírito e, fortes do poder da sua sabedoria, de dar respostas a este mundo «insensato», que parece estar a ser precipitado no abismo da estultícia, da infidelidade a Deus.

Uma geração de cultores do amor: eis o verdadeiro rosto que o Espírito Santo, a partir do Pentecostes, quer dar ao mundo.

II

Reunidos

## Estar juntos

**O**s discípulos reuniam-se «assiduamente» (Atos 2,42): encontramos-os, juntos, no Cenáculo, na praça de Jerusalém, na vida comum, nas provas e nas perseguições. É este o método: reunir-se e esperar o Espírito Santo, que, de cada vez que vem, provoca um novo Pentecostes. Também a nós é pedido que estejamos juntos e partilhemos as graças carismáticas que são colocadas pelo Espírito sob os nossos olhos, porque... «podemos ter olhos e não ver, ouvidos e não ouvir» (Ez 12,2).

É esta «reunião», esta prática do estar juntos, que torna católica e apostólica uma comunidade. Catolicidade não é encerramento, mas abertura até aos extremos confins do mundo. Apostolicidade não é limite, mas transmissão do Evangelho a cada homem. Jesus tentou ensinar aos apóstolos o modo pelo qual deviam estar juntos.

Jesus, porém, também era um guia exigente e avaliava continuamente os seus discípulos para perceber se eles apreendiam aquilo que lhes ensinava. Fazia-lhes perguntas, mas muitas vezes as suas respostas eram inadequadas, sinal de que o Mestre ainda tinha de aprofundar mais o Seu ensinamento.

Não se deve considerar a comunicação um dado adquirido: não podemos pensar que os outros nos compreendem sempre, entendem até ao fim as nossas retas intenções e a nossa atuação. É necessário verificar, motivar continuamente os irmãos, remover os obstáculos que o maligno semeia para tornar menos frutífero o nosso trabalho.

Jesus era muito exigente, pedia muito, porque Ele próprio se dava completamente «a comer» aos seus discípulos e à multidão.

## Quem é o discípulo?

Ainda hoje, Jesus repete-nos, como aos primeiros discípulos: «Convertei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1,15). Para acolher o seu convite a tornarmo-nos seus discípulos, devemos recordar que:

- não há discipulado sem chamada;
- não há discipulado sem conversão sincera e permanente;
- não há discipulado sem uma fé atuante.

«*Duc in altum*» (Lc 5,4) é a ordem que nos pode fazer sulcar as ondas do Evangelho com o mesmo entusiasmo dos apóstolos, orgulhosos da presença de Jesus na sua vida. Eles percorriam as margens do lago de Tiberíades acompanhando Jesus no Seu ministério salvífico: o Senhor estava com eles, nenhum mal lhes poderia sobrevir. Se aceitamos, portanto, a proposta de nos «fazermos ao largo» em nome de Jesus, se nos declararmos prontos para O seguir ao longo das veredas insidiosas, áridas, por vezes desérticas da vida, então devemos postular um elemento caraterístico da vida de Jesus: o discipulado.

Mas quem é o discípulo?

Para um cristão, viver significa amar. Viver é um contínuo «aprender» a amar. Não existe, portanto, chamada, não existe vocação mais elevada do que esta: tornarmo-nos discípulos do amor.

Cada chamada de Jesus, de que os Evangelhos nos dão notícia, é uma chamada a tornarmo-nos amor, para nós próprios e para os outros. O convite perentório de Jesus, aquele «segue-me» dirigido aos quatro pescadores «junto ao mar da Galileia» (Mc 1,16–17), é sempre uma chamada a ser «discípulo do amor». «Segue-me» deve traduzir-se, então, por «vem e aprende a amar!».

O discípulo é um aluno. Um aluno que tem um mestre a imitar. Do mestre, o discípulo estuda tudo: cada gesto, cada olhar, cada palavra. Não tem outro desejo senão assemelhar-se a ele. Quanto mais for capaz de reproduzir o pensamento e a ação do seu mestre, tanto mais se poderá chamar um «verdadeiro» discípulo.

Esta também é a nossa missão, à qual nenhum de nós se pode subtrair. Pois bem, aqui devemos interrogar-nos: em que ponto se encontra o meu discipulado? Ainda sou um aluno da «escola de Jesus» ou já sou sábio das suas lições de amor? Porventura atribuí um limite ao seu amor ilimitado, que sempre me é dado experimentar de forma inédita?

Convém recordar que «o nosso amor será tanto maior quanto maior for o nosso conhecimento de Deus» (Santo Agostinho, *O Espírito e a Letra*, 36,64). Nunca aprenderemos o suficiente a conhecer Jesus, porque nunca se esgotará em nós a possibilidade de fazer experiência vital do seu amor.

Por isso o seu amor, chegado ao cume, torna-se sempre «bem-aventurança». Dizer «bem-aventurança» é dizer «alegria à maneira do céu». Um amor que ultrapassa a terra, embora amassado com a nossa carne. O discípulo de Jesus é, na terra,

precisamente um «céu de amor», um céu que nenhuma inteligência ou vontade humana poderia alguma vez realizar.

São João XXIII, São João Paulo II, a beata Teresa de Calcutá, o beato Charles de Foucauld, São Pio de Pietrelcina, só para citar alguns nomes nossos contemporâneos, foram «céus de amor» na terra. Subiram tão «alto» porque se baixaram até à profundidade do amor de Deus. Foram tão «grandes» por terem sido humildes na reaprendizagem do amor em cada dia. Tão exemplares na sua vida cristã, porque foram discípulos de Jesus até ao último dos seus dias.

É útil recordar as palavras do apóstolo João, quando escreve: «Vede que amor tão grande o Pai nos concedeu, a ponto de nos podermos chamar filhos de Deus; e somo-lo, de facto!» (1 Jo 3,1). Realmente, não há fingimento! É amor verdadeiro: é real, concreto e praticável, este amor de Deus.

Jesus veio à terra para adquirir novos filhos e novas filhas para o Pai. Contudo, nunca ninguém poderá merecer tão grande amor divino se primeiro não se fizer discípulo do Mestre Jesus.

Só quem é discípulo também será filho.

Só quem é discípulo do Filho também será Filho do Pai, ou seja, amado pelo Pai, e viverá do seu amor, como convém a um filho.

Qual é então, hoje, a nossa missão de discípulos? E o que faz o Espírito Santo em nós para que isso aconteça? Faz-nos amar Jesus! Qual será o nosso prémio? Ser amados pelo Pai.

A missão é amar. O prémio é ser amados. Filhos enquanto discípulos. Amantes enquanto amados.

O discípulo, portanto, é um privilegiado. Chamado a seguir o seu mestre, o discípulo sabe que não é um homem abandonado a si mesmo. Não está sozinho, não vive sozinho. Aceitou colocar a sua vida em mãos seguras. Sabe que a sua vida é guiada



por outro, pelo seu mestre. Tem confiança n'Ele; deixa-se conduzir por Ele, sem reservas.

O discípulo é como um cego que vê com os olhos do seu mestre.

O discípulo é como um mudo que fala com a língua do seu mestre.

Será assim também para nós? Que «mestria» demonstramos na arte de amar, visto que o nosso nome é «cristãos», ou seja, «de Cristo»? Somos tão discípulos que podemos ser contados entre os «Seus»? Sim, porque «cristãos», isto é, «de Cristo», significa ser essencialmente «Seus», viver à maneira d'Ele.

Podemos explicitar, assim, um segredo do discipulado cristão: o cristão nunca é um «meu», é sempre um «Seu, d'Ele». É um «Seu» que se faz «tu». O discípulo de Jesus é tanto mais «d'Ele» quanto mais disposto estiver a fazer-se «tu» para o mundo.

Diz Jesus: «Se permanecerdes fiéis à minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos» (Jo 8,21b). «Verdadeiramente meus». Verdadeiramente Seus. É este o desejo de Jesus. Um desejo que mostra como é diferente este nosso Mestre de todos os outros mestres humanos. Com efeito, nenhum mestre da terra jamais se atreveu a pretender tanto. E jamais estará disposto a dar tanto como Jesus para ganhar discípulos.

Há mestres que se cansam do escasso rendimento dos seus discípulos e da sua ignorância, a ponto de se afastarem. Jesus, porém, não é assim.

Há mestres que têm inveja da inteligência dos seus discípulos, que quase temem ser superados pelos discípulos, a ponto de se isolarem. Jesus, porém, não é assim.

Há mestres que chegam a um ponto em que já não sabem o que hão de ensinar aos seus discípulos, a ponto de os abandonarem. Jesus, porém, não é assim.

Há mestres que escolhem discípulos, mas em «número limitado», porque não se pode ter demasiados, a ponto de recusarem muitos. Jesus, porém, não é assim.

Há mestres que pensam bem, mas que não sabem falar e que vivem ainda pior do que falam. Jesus, porém, não é assim.

Porque é que Jesus é tão diferente dos mestres humanos? Porque é Deus. E Deus não receia confrontos!

Jesus é o único Mestre divino, acreditado pelo Pai. É a sabedoria perfeita, a ciência perfeita, a medicina perfeita, o direito perfeito, a pedagogia perfeita, a sociologia perfeita, a psicologia perfeita, a antropologia perfeita.

Em Jesus tudo é perfeito, porque tudo está consumado. Jesus é Deus, e, em Deus, nada falta e tudo nos é dado.

Jesus reivindica precisamente este primado diante dos homens. Observando a hipocrisia e a vaidade dos escribas e fariseus, mestres do seu tempo, Jesus diz: «Gostam de ser chamados rabis [mestres] pelas pessoas. Mas vós não deixeis que vos chamem mestres, porque um só é o vosso Mestre, Cristo» (Mt 23,7–10).

Jesus pode definir-se como «o único Mestre» do homem não só porque o ensinou a amar mas também porque deu, como prova de amor, a sua própria vida. É como quem diz: não só ensinou mas fez-se ele próprio sujeito e objeto pleno, extremo, do Seu ensinamento, tornando-o mais fidedigno do que qualquer outra palavra ou promessa humana.

Em nenhum outro homem, como em Jesus, palavra e ação jamais foram tão unívocas. Este Mestre chamado Jesus é Deus, e só Deus se pode denominar ao mesmo tempo «Mestre e Senhor», como fará Jesus. Na véspera da Sua paixão, dirá: «Vós chamais-me Mestre e Senhor e dizeis bem, porque o sou. Se eu, portanto, sendo Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós

deveis lavar os pés uns aos outros. Com efeito, dei-vos o exemplo, para que, assim como eu fiz, façais vós também» (Jo 13,13-15).

«Mestre e Senhor»: Jesus, então, não só é Mestre mas também Senhor. Não só ensinou mas também deu provas de Si, isto é, deu o Seu exemplo. Não só pregou uma doutrina mas também levou ao cumprimento todas as Suas extraordinárias promessas. Incluindo a mais incrível, aquela que nenhum homem sensato jamais sonharia anunciar: que morreria mas regressaria à vida. Morrer por amor e regressar à vida para nos deixar em herança este Seu incomparável amor: o dom do Espírito.

Temos Jesus Cristo, não nos servem outros mestres! Contudo, esse primado é contestado. Desde há dois mil anos, ontem como hoje. Há dois mil anos que a história pulula de filosofias enganosas, de imitações do cristianismo, de sistemas de pensamento decadentes e perniciosos para o homem.

As palavras que se seguem são de São Paulo e conservam uma atualidade impressionante. Foram escritas a um seu discípulo, o muito jovem Timóteo, que é posto de sobreaviso contra proliferação de falsos mestres: «Virão tempos em que o ensinamento salutar não será aceite, mas as pessoas acumularão mestres que lhes encham os ouvidos, de acordo com os próprios desejos. Desviarão os ouvidos da verdade e divagarão ao sabor de fábulas» (2 Tm 4,3-4).

A rejeição da verdade é rejeição de Cristo. É rejeição da Palavra de Jesus. Não caímos na tentação de substituir a Sua Palavra por palavras de homem. É a «fidelidade à Sua palavra» que nos faz «verdadeiramente Seus discípulos», como nos recordou Jesus (Jo 8,21b).

Uma palavra que nos «precede». Uma Palavra que nos é «concedida».

Uma Palavra que nos «segue». Uma Palavra que sempre nos «persegue».

Uma Palavra escrita com a vida. Uma Palavra a reescrever na nossa vida.

Uma Palavra que só será fidedigna se nela crermos «de verdade».

E creremos se tivermos coração, se estivermos dispostos a deixar-nos moldar pelo coração de Jesus. Porque é no coração que começa o discipulado e é tanto mais digno do seu Mestre quem mais demonstra que tem o coração d'Ele. No nosso coração, desde o Pentecostes, vive outro Mestre. É um Mestre interior, o único acreditado por Jesus, o único habilitado para suceder à missão terrena de Jesus: o Espírito Santo! É o Espírito que dá continuidade ao magistério de Jesus na história, dentro do nosso coração, em cada senda da terra.

Eis que o *sim* do discípulo de Jesus é como a sétima nota da escala musical, precisamente, o si. Um *sim de amor* que só o Espírito é capaz de fazer ressoar, tocando todas as cordas do nosso coração.

Em Jesus, ser «Seus» discípulos significa não só depender «d'Ele», mas estar unidos interiormente «a Ele» mediante o Espírito. Não só perto «d'Ele» mas vivos «n'Ele», mediante o Espírito.

É só por meio do Espírito que Jesus Mestre nunca se afasta de nós. É só no Espírito Santo que, com Paulo, também nós podemos repetir: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim. E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim» (Gl 2,20).

## Um suplemento de amor

Será que Jesus ressuscitado propõe a Pedro uma catequese sobre a ressurreição da qual fora protagonista? Ou uma

exegese sobre a Sua descida aos infernos para libertar o Seu pai José, os patriarcas, os mesmos Moisés e Elias que Pedro contemplara no Tabor (cf. Mc 9,2–8)? Ou terá Jesus retomado o discurso iniciado sobre o Espírito Santo, de que falara de um modo não completamente claro nem exaustivo no Cenáculo, antes de abandonar os apóstolos ao seu destino (cf. Jo 14–16)?

O que faz Jesus? É inacreditável: pede peixe! *Mas como é que um corpo ressuscitado pode continuar a ter fome?*, poderíamos nós pensar. Na realidade, Jesus tem fome dos Seus amigos. Jesus tem fome de cada um de nós, de cada cristão, dos nossos grupos e comunidades; por isso, o Espírito semeia e volta a semear a esperança no meio de nós.

«Pescastes alguma coisa?» (Jo 21,5a).

Mas que pergunta é esta, comparada com as mil respostas que aqueles homens, desiludidos e nos quais finalmente se reacendera a esperança, esperavam do Senhor regressado à vida, daquele Jesus que aparecia e desaparecia diante deles (era a terceira vez) como um «mestre de ilusionismo»!

«Trazei dos peixes que pescastes agora» (Jo 21,10).

Os apóstolos tinham pescado e depois contado, um a um, os peixes que transbordavam da rede. Aquelles «cento e cinquenta e três grandes peixes» (Jo 21,11) somos nós. É um amor suplicante, aquele que Jesus manifesta pelos Seus. Esta cena do Evangelho revela uma intensa e «castíssima» experiência de *eros*, ou seja, de amor suplicante, que tende a satisfazer o homem, um amor solícito, acolhedor, reconfortante, corroborante, o amor humaníssimo de Jesus.

É assim, o nosso Deus feito homem: Jesus de Nazaré, capaz de um amor humaníssimo, porque, ao mesmo tempo, «diviníssimo».

Chegados a este ponto, a cena muda: dá-se o frente a frente de Jesus com Pedro, um encontro tão íntimo e intenso que seria

preferível defini-lo como um coração a coração. Jesus dirige a Pedro o pedido de uma tripla declaração de amor.

«Tu amas-me mais do que estes?» (Jo 21,15–17).

Jesus exige um amor elevado, divino, que parta das alegrias terrenas, começando desde já a participar das realidades eternas. É um amor exigente, o amor de Cristo, que deve tender para a perfeição, segundo as vontades últimas expressas por Jesus no seu testamento espiritual, entregue a Pedro e aos apóstolos no Cenáculo (cf. Jo 14–17). Também a nós é pedido que reproduzamos na nossa vida esse mesmo amor, humano e divino, que faz do encontro com Jesus uma experiência sempre viva e usufruível. Um «milagre» que acontece mediante o Espírito Santo, o qual, como nos recorda São Paulo, «foi derramado nos nossos corações» (Rm 5,5).

## Maria, esposa do Espírito

«Com o Espírito Santo, no meio do povo estava Maria. Ela congregava os discípulos para invocá-lo (Atos 1,14), e assim tornou possível a explosão missionária que ocorreu no Pentecostes», escreve o Papa Francisco (*Evangelii gaudium*, 284).

Maria é uma protagonista completamente ativa do acontecimento do Espírito: nos Atos dos Apóstolos diz-se que, «enquanto eles estavam reunidos com Maria, Mãe de Jesus, apareceram umas línguas de fogo que se dividiram e pousaram sobre cada um; ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem» (Atos 2,1–4). O evangelista diz «todos», incluindo Maria, e deveríamos admirar-nos do contrário. Maria já é esposa do Espírito, sendo, ao mesmo tempo, morada do mesmo. Não se

pode compreender nem acolher o Espírito Santo sem olhar para Maria. Ela representa o modelo do acolhimento e pode ensinar-nos como começa um processo de evangelização. Gostaria de pôr em destaque, a esse propósito, duas anunciações: a primeira feita a Maria, por obra do arcanjo Gabriel; a segunda, aos apóstolos, por obra de Jesus.

Em ambas, a promessa é unívoca: a descida do Espírito Santo. O anjo disse a Maria: «O Espírito Santo descera sobre ti, e o poder do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra» (Lc 1,35).

A mesma promessa e as mesmas expressões usadas por Jesus quando se dirige aos apóstolos, antes de subir ao céu: «Recebereis a força do Espírito Santo, que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas» (Atos 1,8). Nos dois casos, é o Espírito que atua: no primeiro, fecunda Maria, e ela dá ao mundo Aquele que será o seu Salvador; no segundo, inunda o Cenáculo e o coração dos apóstolos, para que deles nasça a Igreja missionária, destinada a gerar Jesus salvador no mundo.

Quando o Espírito desce, cria imediatamente dinamismo, movimento, novidade irreprimível. Qual é o sinal, o fruto evidente do cumprimento das duas promessas que recordámos? Olhemos para Maria: ela parte «apressadamente» para casa de sua prima Isabel, a fim de dar testemunho do advento de Jesus, obra do Espírito nela e, mediante ela, dom para salvação dos homens. Olhemos para os apóstolos: saem «apressadamente» do Cenáculo, onde durante muitos dias tinham ficado à espera, entre a fé e a dúvida, para correr a celebrar a grande festa do Pentecostes, para dar testemunho do coração do Evangelho, do advento da Igreja, do início da evangelização dos povos.

O Espírito esperado pelos apóstolos, segundo a promessa de Jesus, apresenta-se sob a forma de um fogo que se divide em tantas chamas pequeninas quantas as pessoas presentes, sobre

as quais desce e pousa: assim acontece todas as vezes em que o Espírito é invocado dignamente nas nossas comunidades. Esse fogo, porém, já estava no coração de Maria, que ardia de amor por Jesus. Maria já ardia, consumida pela Paixão do Filho, de tal modo que aquilo que os apóstolos veem manifestar-se com os seus olhos é o que Maria já tinha experimentado. As seguintes palavras de Jesus aplicam-se mais a Maria, naquele momento, do que a qualquer outro crente: «O Espírito Santo permanece junto de vós e estará em vós» (Jo 14,17). Assim, Maria, criatura entre as criaturas, receberá, como os apóstolos, a sua porção de Espírito Santo. Ela, que já fora incendiada, invadida pelo amor do Espírito, também receberá a sua pequena chama.

## Maria: missão cumprida!

Os cristãos têm o seu ponto de referência e o seu modelo mais completo em Maria, aquela que, embora sendo criatura, viveu em plenitude a chamada de Deus e a Sua vontade. Maria é o ideal a imitar, o caminho a percorrer, uma meta necessária a alcançar.

Ninguém melhor do que Maria pode ensinar-nos a entrar nas promessas de amor do Filho.

Ninguém mais do que Maria soube esperar o seu cumprimento e suportar o seu peso.

Ninguém mais do que Maria experimentou «a incomodidade» de ser eleita, sobretudo quando o testemunho da fé que lhe era pedido parecia elevar-se acima das forças humanas naturais.

Ninguém mais do que ela pode afirmar: «missão cumprida»; ela, que não desiludiu o Espírito Santo e que permitiu que Deus realizasse, plenamente, a Sua promessa. Maria, mais do que qualquer outra criatura humana, conheceu a perseverança do desejo.



Em Maria, de modo especial, se cumpriu a *fadiga* do sim, a *ferida* do sim, o *prémio* do sim. Maria é a mulher cheia de graça: nela, os tempos de Deus chegaram à plenitude. Creio que Maria nos pode indicar três atitudes, três gestos sapienciais, que se devem fazer «cultura» na vida de cada cristão; gestos que, de qualquer modo, nos reconduzem àquela *cultura do Pentecostes* que tão cara nos é:

- *Partilha*. Ninguém se satisfaz com o próprio estado de vida, a julgar pelo ditado popular italiano que nos convida a contentar-nos com «aquilo que se passa no convento». Muitas vezes as soluções encontram-se abrindo-nos aos outros e partilhando com eles, com simplicidade de coração. Maria ensina-nos que não há fraternidade humana sem partilha! Ninguém pode comer egoisticamente o pão, sem se preocupar com quem tem fome. Estamos juntos para partilhar os dons espirituais e materiais de que o Espírito Santo dotou a Igreja. Existe entre os cristãos e em cada um de nós uma grande diversidade, que, no entanto, não se deve ver como limitação, mas como riqueza a partilhar.
- *Gratidão*. O homem tem dificuldade em dizer «obrigado», ainda mais numa cultura que tende para a absolutização do eu. Para muitos, com efeito, agradecer significa sublinhar a própria dependência dos outros, admitir como que uma espécie de insignificância pessoal. Maria ensina-nos que não há fraternidade humana sem gratidão! Fomos salvos por um alto preço: não o podemos esquecer! É necessário aprender a sentirmo-nos gratos, acima de tudo, por aquilo que nos foi dado e a não esperar «estar saciados» para dizer «obrigado». O exemplo da gratidão é-nos dado por Maria no canto do *Magnificat*.
- *Gratuidade*. Neste nosso mundo, em que nada se faz a troco de nada, em que predomina o cálculo, em que tudo é medido e a própria

amizade é instrumentalizada em benefício pessoal, que significados pode assumir a palavra «gratuidade»? Maria ensina-nos que não existe fraternidade humana sem gratuidade! Sermos os primeiros a amar, sem condições nem por obrigação; ser amados por aquilo que somos, não por méritos adquiridos. Maria recorda-nos ainda que, se adquirimos gratuitamente a condição de filhos, também somos chamados a viver, gratuitamente, a nossa condição de irmãos. Do mesmo Pai descende a filiação e a fraternidade. Maria aprendeu com Jesus o preço da gratuidade. O Filho de Deus e seu filho fez-se humilde até à morte, mas não foi derrotado pela morte; humilhou-se na forma humana, embora continuando a ser o Senhor; deu confiança aos Seus irmãos, embora sabendo que seria traído por eles.

Dando testemunho da cultura do Pentecostes, aceitando a chamada para sermos discípulos, respondendo ao desejo de Deus, recebendo do Espírito Santo indicações, visões e modalidades segundo as quais viver a nossa fraternidade, também nós, como Maria, um dia nos atreveremos a dizer: missão cumprida!

O Papa Francisco convida a Igreja a uma **renovação espiritual**, cativando crentes e não crentes, ao desafiar o mundo a ser cada vez mais irmão e mais evangelizador.

## FAÇAMOS PARTE DA NOVA EVANGELIZAÇÃO E RECOMECEMOS A NOSSA CAMINHADA NA FÉ.

*Guiados pelo Espírito* ajuda-nos a ser capazes de **redescobrir a essência da fé**, para nos tornarmos o coração da Igreja na Terra. O autor mostra-nos como podemos **renovar a nossa fé**, enriquecendo-a com os **dons do Espírito Santo**, transportando-nos até às origens do cristianismo e demonstrando a atualidade da mensagem de Cristo.

- ✿ Interiorize a **mensagem evangelizadora** do Pentecostes e descubra como pô-la em prática.
- ✿ **Retorne ao Cenáculo** para entender **o que é pedido aos cristãos** de hoje.
- ✿ Conheça os **6 passos** fundamentais para **caminhar** ao ritmo do Espírito Santo.

Deixemo-nos guiar pelo Espírito Santo, um fogo divino que nos impele a **sermos missionários** e a testemunharmos, com genuína alegria e como verdadeiros apóstolos, que **Cristo está vivo** e que **vive no meio de nós**.



*«Salvatore Martinez, com esta nova obra, pretende conduzir-nos ao Cenáculo, para nos fazer reviver a centelha do Pentecostes: são páginas belas, límpidas, por vezes ardentes. Vale a pena meditar sobre elas para reencontrar a alegria e a ousadia de sermos missionários hoje.»*

**CARDEAL ÂNGELO COMASTRI**

*Vigário-Geral de Sua Santidade para a Cidade do Vaticano*



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

[www.nascente.pt](http://www.nascente.pt)

 **nascente**

o curso da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-668-290-3



9 789896 682903

Religião